

Gloria Seddon*

Tecendo laços entre a psicanálise e a comunidade LGBTQIAPN+**

¿Por que a psicanálise, que propiciou uma mudança de perspectiva tão importante sobre o amor, colocando-o no centro da experiência ética, que forneceu uma denotação original certamente distinta do modo pelo qual o amor até então fora situado pelos moralistas e pelos filósofos na economia da relação inter-humana, por que a psicanálise não foi mais longe na investigação daquilo que deveremos chamar, propriamente falando, de uma erótica? Isto é coisa que merece uma reflexão.

Algo, certamente, deverá permanecer aberto, no que concerne ao ponto que ocupamos na evolução da erótica e do tratamento não mais a fulano ou a sicrano, mas à civilização e seu mal-estar.
Jacques Lacan, *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*¹

No Brasil, desde 2008 foi instituído o processo transexualizador no Sistema Único de Saúde, com vários serviços ambulatoriais e hospitalares. Em 2019, deparei-me com um debate, de extensão internacional, entre os psicanalistas e a comunidade LGBTQIAPN+. Sob a perspectiva da psicanálise, vimos algumas observações sociais – uma gratificante: “Subitamente, fala-se de transexualidade de modo coloquial, sem qualquer surpresa ou indagação”, e outra de teor apreensivo: “Os casos em que pais e especialistas se interrogam sobre uma possível transexualidade infantil se multiplicam” (Jorge & Travassos, 2018, p. 11).

O ponto de partida do atual debate foi o amistoso convite que a Escola da Causa Freu-

diana fez a Paul B. Preciado, trans,¹ em 2019. Ali, ele acusou a psicanálise de ser cúmplice de uma epistemologia patriarcal, branca, binária e colonialista, e terminou dizendo: “Estou diante de vocês hoje não como um acusador, mas como um alarme para a violência epistemológica da diferença sexual e como um pesquisador de um novo paradigma. Psicanalistas para a transição epistêmica, juntem-se a nós!” (Preciado, 2020, par. 136-137). O palestrante foi muito aplaudido, o que abriu e abre portas para um diálogo futuro.

Ainda antes do discurso de Preciado, 600 psicanalistas das Formações Clínicas do Fórum do Campo Lacaniano, reunidos no II Simpósio Interamericano da IF-EPFCL, em

* Doutora em psicologia clínica e em história social da cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

1. Trans: que tem o sentimento de inadequação, ou disforia, entre o sexo que lhe foi atribuído ao nascer e o gênero ao qual sente pertencer.



Sophie Calle
Le régime chromatique | The chromatic diet, 1997
© Sophie Calle / ADAGP, Paris 2023. Courtesy Perrotin

Dans *Léviathan*, Paul Auster décrit ainsi son personnage Maria : "Certaines semaines, elle s'imposait ce qu'elle appelait 'le régime chromatique', se limitant à des aliments d'une seule couleur par jour". Afin de nous rapprocher, Maria et moi, durant la semaine du 8 au 14 décembre 1997, j'ai décidé d'obéir au livre.

torno do tema *Sexuação e identidades*, realizado em 2017, já tinham deixado clara sua posição a favor das pautas dessa comunidade: “A sexualidade é inclassificável e isto transcende os discursos da ciência, da religião e da cultura em geral. Cada um tem sua escolha de gozo. A cada um seu sexo. A cada uma sua sexualidade” (Quinet & Alberti, 2019, p. 13). Diz Alberti que a coletânea publicada sobre o tema é um testemunho da posição política dessa escola psicanalítica, a qual

não pretende segregar, patologizar, discriminar, o que resulta dos efeitos do encontro do discurso da ciência com a mídia, o capital, ou os sintomas de nossa época, justamente porque, desde sua origem, a psicanálise identifica no sintoma a verdade de um dizer que tanta dificuldade tem de ser dito. (Quinet & Alberti, 2019, p. 561-562)

Em 26 de abril de 2022, a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) “aprovou uma declaração de posição contra todas as terapias de con-

versão” (Repo, 2022, par. 2). Dois meses após essa declaração, a Sociedade Psicanalítica Finlandesa apresentou uma desculpa pública “por todas as opiniões expressas dentro de sua esfera de influência que tenham contribuído para que minorias sexuais e de gênero fossem estigmatizadas como doentes, em função de sua orientação sexual ou da diversidade de gênero” (Repo, 2022, par.1).

Além da constatada atitude aberta dos psicanalistas em relação à comunidade LGBTQIAPN+, há – como em todo debate democrático – preocupações, alertas e ressalvas.

Alguns psicanalistas criticam os protocolos de redesignação pela via da medicina, especificamente no caso de crianças intersexuais² que, sem análise prévia do cariótipo, sofreram intervenções mutiladoras, ainda recém-nascidas, para poderem assim receber uma certidão de nascimento binária ao sair

2. Antigamente chamadas hermafroditas.

do hospital. A militância intersexual concorda com os psicanalistas nesse ponto (Silva, 2019).

Também há considerações sobre os protocolos de redesignação em crianças trans. Por exemplo, Maleval, da Escola da Causa Freudiana, conclui que a transição médica deve ser reservada a adultos decididos e advertidos, mas que “engajar uma criança em um processo de mudança de sexo é uma atitude irresponsável” (Lacan Web Télévision, 2021, 8:15). Denise Maurano (2019) elogia Preciado pela coragem e pela provocação inspiradoras, mas alerta contra os modismos inadvertidos fomentados pela indústria farmacológica, principalmente no caso de crianças e adolescentes. Jorge e Travassos (2018) se pronunciam favoráveis à comunidade LGBTQIAPN+, porém se mostram preocupados com o aumento dos casos de “destransição”, às vezes considerados casos de conversão ou reversão pelas pessoas trans – mas poderiam estar falando de arrependimento dos trans, entre jovens e adultos. A escuta é fundamental, não apenas do psicanalista, mas de toda a equipe dos centros de recepção às pessoas trans.

Desde 1980, venho estudando a questão da erótica contemporânea. Na primeira tese (Seddon, 2021), proponho uma quarta fase da história da sexualidade, a *erótica poética*, que vai além da moral sexual civilizada, e apresenta a hipótese de que os sujeitos contemporâneos estariam sendo guiados por uma ética análoga à proposta por Lacan para a psicanálise, a ética do desejo. Essa quarta fase implica para o futuro caminhos singulares e poéticos dentro da erótica, tanto no que concerne às identidades quanto no que concerne às escolhas sexuais, ou seja, cada sujeito poderia

se guiar pelo seu desejo. De fato, desde 2000, venho percebendo, na clínica, mudanças nos sintomas sociais: primeiro, as meninas que viram arco-íris e/ou a namorada que tem namorada (Seddon, 2003); depois, novas identidades e/ou gêneros, novos arranjos eróticos e familiares, agrupados na sigla LGBT, hoje expandida para LGBTQIAPN+ (Seddon, 2013). Nessa proliferação de novas formas, havia poetização, como eu previra. Minha tese se confirmava!

Lembremos que foi Freud quem descriminalizou a homossexualidade e o hermafroditismo, tirando-os da categoria de aberrações ou perversões sexuais, desconstruindo os ideais da fase da história da sexualidade que ele denominou moral sexual civilizada – a relação sexual genital, heterossexual, entre um homem e uma mulher, calcada em um modelo instintivo, com o fim predeterminado de reprodução da espécie. No inconsciente, todo ser humano tem uma disposição perverso-polimorfa e bissexual, com aspectos femininos e masculinos, ativos e passivos, organizados de maneira própria. Cada ser humano tem uma subjetividade singular, tecida em torno de sua falta. Os comportamentos sexuais nunca serão satisfatórios. Ninguém nasce homem ou mulher, mas tem um percurso inconsciente de construção de identificações e escolhas sexuais que, em todos os casos, é único (Freud, 1905/1972).

Para a psicanálise, o inconsciente faz parte da estrutura psíquica do ser humano, por ele estar inserido na linguagem, e torna o sujeito dividido e ético. A falta se impõe, logo de partida, quando o bebê desamparado perde, para sempre, a primeira experiência de satisfação plena ou de gozo com o outro, sua mãe, o próximo (Freud, 1950[1895]/1977; Lacan, 1988). Seremos sempre sujeitos desejantes, porque faltosos.

A continuação do diálogo entre a comunidade psicanalítica e a comunidade LGBTQIAPN+ é fundamental, a fim de discriminar melhor entre, de um lado, a demanda trans de

uma redesignação pela via médica (hormonal e/ou cirúrgica) – que pode estar baseada numa promessa de completude, gozo e felicidade – e, de outro, a expressão de um desejo endereçada a um psicanalista.

Considero que estamos, de fato, numa nova fase da erótica poética, que exige a passagem por uma “erótica trágica” (Seddon, 2021). Quem sabe estejamos, neste momento, entre uma fase e outra, com todos os sofrimentos requeridos e todas as alegrias que nos são brindadas nessa passagem para novas formas de gênero, identificação, escolha sexual e família? Neste ponto, insisto na importância de continuar pelos caminhos nos quais os sujeitos contemporâneos vêm se aventurando, ao se guiarem em sua vida erótica pela ética do desejo, sendo cautelosos quanto às armadilhas dos discursos que possam vir a obliterar a falta e o desejo singular de cada um.

Felicidade é coisa que a psicanálise não pode prometer...

Referências

- Freud, S. (1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 7, pp. 13-290). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1977). Projeto para uma psicologia científica. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 1, pp. 395-517). Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895])
- Jorge, M. A. C. & Travassos, N. P. (2018). *Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência*. Zahar.
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)* (A. Quinet, trad.). Jorge Zahar.
- Lacan Web Télévision. (2021, 11 de abril). *La réassignation de genre chez l'enfant: Jean-Claude Maleval* [vídeo]. YouTube. <https://cutt.ly/aMDfBm>
- Maurano, D. (2019, 17 de dezembro). Uma resposta a Paul Preciado. *Psicanálise & Barroco em Revista*. <https://cutt.ly/sMDk3Hs>

- Preciado, P. B. (2020, 2 de novembro). Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas (S. W. York, trad.). *A Palavra Solta*. <https://cutt.ly/6MDgoEU>
- Quinet, A. & Alberti S. (org.). (2019). *Sexuação e identidades*. Atos e Divãs.
- Repo, E. (2022, 14 de julho). Public apology. *Suomen Psykoanalyttinen Yhdistys*. <https://cutt.ly/JMDgjIx>
- Seddon, G. G. (2003). *A namorada tem namorada: clínica do sujeito contemporâneo* [apresentação de trabalho]. Estados Gerais da Psicanálise, II Encontro Mundial, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Seddon, G. G. (2013). *Feminização da cultura contemporânea: poetização, erótica e carnavalização* [tese de doutorado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Seddon, G. G. (2021). *A ética da erótica contemporânea: a poetização da cultura contemporânea 1*. Mundo Contemporâneo.
- Silva, H. F. (2019). X, XX, XY, XXY: o que os intersexuais nos ensinam sobre a sexuação? Em A. Quinet & S. Alberti (org.), *Sexuação e identidades* (pp. 555-560). Atos e Divãs.

4. N. do E.: a tradução e o número de parágrafo correspondem a: Maleval, J.-C. (s. d.). La reassignación de género en el niño. *Encuentros: Psicoanálisis y cultura*. http://encuentropsicoanalisisycultura.com/template.php?file=clinica/lectura-clinica-laciana/22-06-23_la-reassignacion-de-genero-en-el-nino.html (Trabalho original publicado em 27 de julho de 2021).